

BERTIOGA

Índios

Reserva Ribeirão Silveira recebe turistas para passeios ecológicos

Objetivo é ensinar aos visitantes como preservar a natureza e a cultura indígena

RICARDO COTTA
Da Sucursal de Guarujá

Preservar o meio ambiente e a cultura indígena promovendo passeios ecológicos. É o que estão fazendo os índios da Reserva Ecológica Indígena Ribeirão Silveira, localizada na divisa das cidades de Bertiooga e São Sebastião, no Litoral Norte do Estado.

O programa tem autorização da Fundação Nacional do Índio (Funai) e as pessoas interessadas no passeio devem entrar em contato com as prefeituras desses municípios. O preço da excursão é acertado diretamente com o cacique Papa Mirim Poty (Deus das Pequenas Flores), líder dos índios na reserva. Os visitantes devem formar grupos de no máximo 25 pessoas. As visitas podem ser feitas durante os finais de semana.

Caminhando pelas trilhas de Ribeirão Silveira o turista terá a oportunidade de tocar em uma árvore de pau-brasil, ou, se tiver sorte, observar uma onça do mato em seu habitat natural. A fauna e a flora nativas são ricas e resgatam no visitante o sentimento de

preservação do meio ambiente.

A reserva tem 980 hectares (9,8 milhões de m² — o equivalente a 1.272 campos de futebol iguais ao Estádio Urbano Caldeira, do Santos Futebol Clube). Ali vivem 275 índios tupis-guaranis que sobrevivem da venda de artesanato e palmito. Eles pescam ou caçam apenas como lazer. Com o dinheiro conseguido compram alimentos como farinha de trigo, milho, fubá, arroz, feijão, massas e carnes.

"A comunidade precisa criar meios de desenvolvimento para melhorar as condições de vida daqui", diz o cacique, acrescentando que o dinheiro arrecadado com os passeios será revertido em benefícios para a reserva".

Papa Mirim Poty acredita que os passeios não trarão problemas culturais porque os índios já sofreram grandes perdas com a colonização do País. "Por que não dar melhores condições de vida para o nosso povo? É errado?".

Ariene Porto, antropóloga e coordenadora da Organização Não Governamental (ONG) São Sebastião Tem Alma, diz que o problema não é cultural e sim de falta de estrutura da comunidade

indígena. Ela defende a criação de condições para que os índios possam competir com igualdade no mercado do eco-turismo.

"Não dá para aceitar um índio vendendo artesanato na beira do Rio-Santos, embaixo de sol e chuva. O correto é abrigar o índio e seus produtos como faz o comerciante branco. Dá forma que é feito estamos perpetuando o conceito errôneo da inferioridade. Eles não são inferiores. São diferentes".

Ariene Porto explicou que a comunidade estará dando um grande passo na preservação da reserva com os passeios ecológicos. "O desenvolvimento tecnológico acarretou uma perda na qualidade de vida dos centros urbanos. As pessoas que entram em contato com a natureza, na Reserva Ribeirão Silveira, perceberão a importância da preservação da cultura indígena que está ligada à natureza. Os índios conseguirão mais aliados na luta de preservação de sua cultura e meio-ambiente".

Funai — Segundo Márcio José Alvim do Nascimento, técnico indigenista da Fundação Nacional

do Índio (Funai), o órgão está programando um curso de guia turístico para aproximadamente oito índios, na tentativa de melhorar a comunicação no contato com os turistas. "O treinamento poderá ser dado pela Prefeitura de Bertiooga. Assim, eles poderão mostrar com mais facilidade as riquezas da cultura e do meio-ambiente", diz.

Segundo Márcio Alvim, atualmente estão sendo desenvolvidos programas sociais na reserva, visando melhorar as condições de vida do povo guarani residente no Ribeirão Silveira. Entre os programas estão a assistência médica e odontológica; introdução de cultivo de pupunha, palmito, piscicultura (criação de peixe em cativeiro) e distribuição de leite para as crianças, além da construção de uma escola, que deve ficar pronta até o final do ano. A escola funcionará na reserva, onde as crianças aprenderão o artesanato e o idioma tupi-guarani, além das matérias tradicionais.

"Os programas já dão resultado. Há três anos o índice de mortalidade é zero na reserva".



Cachoeira Caguará Mirim (Tamandua Pequena) é uma das belezas

Passagem propicia boas surpresas aos participantes

A convite do cacique Papa Mirim Poty a equipe de *A Tribuna* passou 8 horas na Reserva Ecológica Indígena Ribeirão Silveira. Conversas com os índios, seus artesanatos, sua forma de pensar e agir, a hospitalidade, são características de um povo que começou a perder seus valores culturais com a colonização das Américas.

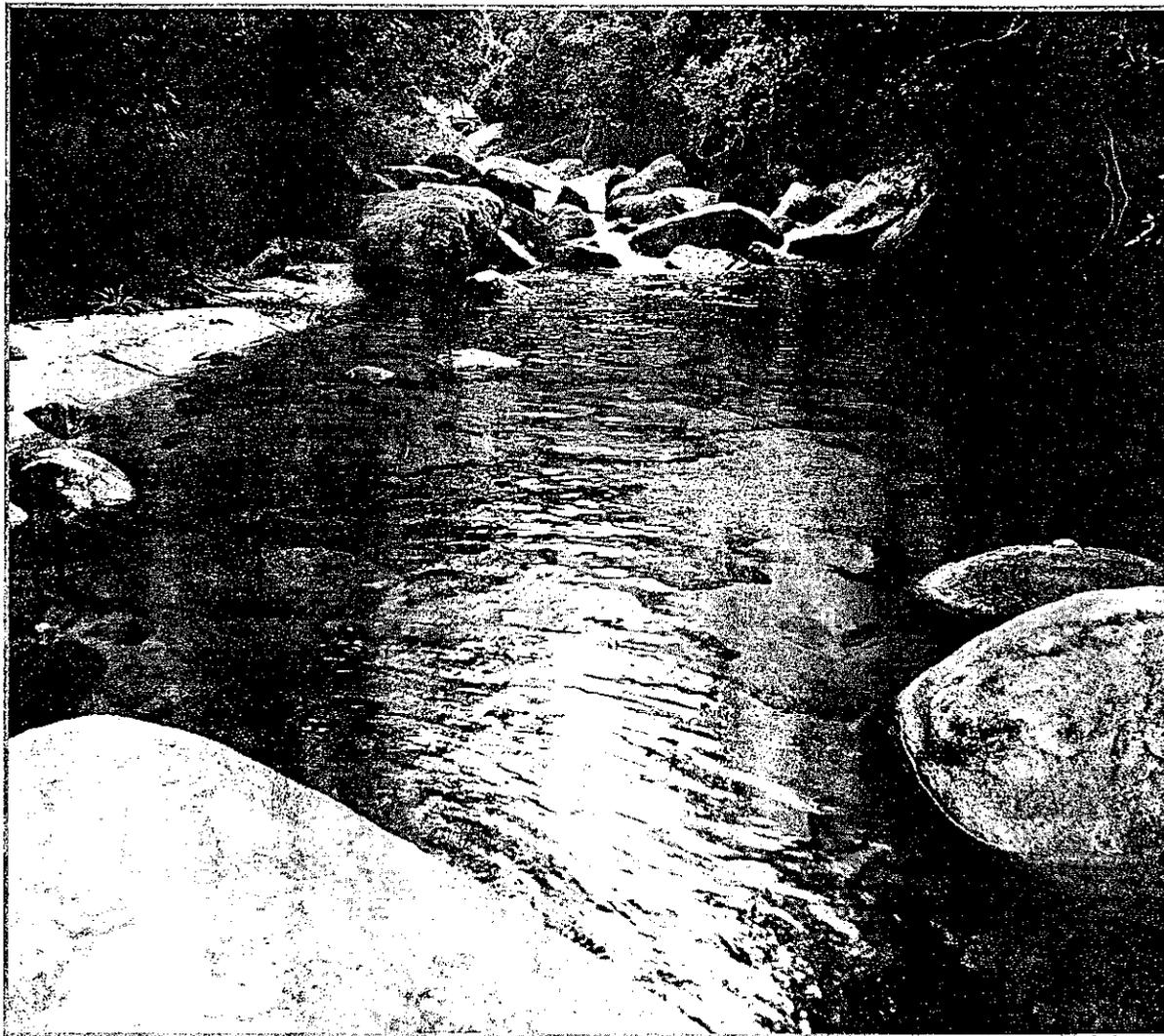
Foram seis horas de caminhada pelas trilhas da reserva cheias de surpresas. Foi possível ver macacos pendurados em galhos de árvores do tamanho de edifícios; a água do rio por onde se caminhava em certos trechos era bebida um pouco mais à frente; banhos de cachoeira e frutas consumidas diretamente do pé. Se por um lado há o desconforto, o medo de ser picado por uma cobra, por outro há o silêncio da mata, rompido só pelo ruído dos boeings da ponte aérea São Paulo-Rio.

"Aqui é o *Éden do Paraíso*, disse o cacique, observando a cachoeira *Caguará Mirim* (Tamanduá Pequeno). "Caminho pela mata desde pequeno. O mato é a minha casa. O homem branco só pensa em destruir a natureza. Aqui não existe tempo".

Após horas de caminhada e depois de a cachoeira ser fotografada pela primeira vez por uma equipe de reportagem, segundo ele, iniciamos o retorno ao centro da reserva. Onde está a maioria das cabanas dos índios. Ao todo foram percorridos aproximadamente 12 quilômetros.

O cacique, acostumado a percorrer a mata, chegava a diatanciar-se até cerca de 50 metros à frente. Várias vezes ele teve de esperar os jornalistas.

"Vocês da cidade se acham seguros em suas ruas. Aqui, quando caminha por dentro da mata, se percebe uma forma. No retorno pelo mesmo caminho você verá a mesma vegetação mas por outro ângulo. Não é como na rua que a fachada das casas e prédios são iguais, dando a impressão de que se conhece o caminho".



A trilha é marcada por riachos e vegetação característica da Mata Atlântica, o Éden do Paraíso, segundo os índios

Cacique vai a encontro no norte da França

Único índio brasileiro a participar do Encontro Internacional das Embarcações e dos Marinheiros, que acontece de 13 a 20 de julho na cidade portuária de Brest, na região norte da França, o cacique Papa Mirim Poty embarca no próximo dia 8 para aquele país. Durante o encontro, ele fará palestras e apresentará vídeos e artesanato produzidos na Reserva Ecológica Indígena Ribeirão Silveira. "Vou mostrar a luta do índio pela sua terra e cultura", disse o cacique.

Papa Mirim Poty vai acompanhado de outras 10 pessoas ligadas à ONG São Sebastião Tem Alma. A entidade foi convidada pela Universidade de Brest com o objetivo de mostrar os trabalhos realizados para o resgate das culturas caiçaras e indígenas da região. A universidade está custeando as passagens aéreas e estadia dos brasileiros.

Durante o evento a ONG realizará o acabamento da produção de uma canoa voga (feita de um único tronco de madeira guapuruvu). A canoa, semi-acabada, já está em Brest. Depois de pronta ela ficará no Museu do Mar da cidade.

Segundo a antropóloga Ariane Porto, ONG mantém um projeto de recuperação de canoieiros visando preservar a cultura dos pescadores locais na confecção da embarcação, além de projetos de cultivo de mexilhões (mariscos) e questões ligadas à terra.

1587
4

Médico fará sessões de relaxamento

O médico psiquiatra Celso Roberto de Andrade Zorowitch pretende realizar sessões de relaxamento com os participantes das caminhadas na reserva, com o objetivo de combater o estresse. Ele disse que usará a forma do ácido desoxirribonucléico (DNA), que tem o formato de uma espiral que se cruza com outra formando vários pontos de encontro.

"A idéia é justamente essa. Fazer com que as pessoas caminhem em pares, por determinadas trilhas da mata. Em certo ponto elas cruzarão com outros grupos, formando um novo grupo. Assim, experiências serão trocadas e novas informações e conceitos deverão ser compartilhadas", disse.

Zorowitch diz que é o autor

da técnica, que se baseia no que chama de Tratamento das Estações, trabalho realizado em outras reservas ecológicas onde seus pacientes eram submetidos a caminhadas pela mata em determinados períodos das estações do ano.

Como exemplo, ele cita a Primavera. "Temos uma determinada intensidade de luz, que resulta em coloridos diferentes. A idéia é fazer a pessoa caminhar em conjunto com outras, alternando os momentos de caminhadas isoladas e em conjunto. Ela poderá sentir o mundo, a natureza, a si e reorganizar seus pensamentos".

Zorowitch é clínico geral da Prefeitura de Bertioga, atendendo os índios uma vez por semana na Reserva Ecológica Ribeirão Silveira.



Na grande cabana, os visitantes são recebidos em um ambiente hospitaleiro, aquecido pela fogueira

Artesanato — Ao chegar, nota-se aglomeração em uma cabana comunitária. Dentro, o fogo aquece o ambiente. Nas paredes pode-se o trabalho artesanal exposto aos visitantes. É a hora de valorizar a cordialidade e adquirir um objeto.

Existem arco e flechas, cestos, chocalhos, flautas, colares, leques. Os preços variam de R\$ 3,00 (colares) até R\$ 15,00 (Pau de Chuva — tipo de chocalho onde é possível produzir o som da chuva caindo sobre a mata). A noite chega. É hora de retornar à cidade.

3